

Entre o *Livro de Job* e *Fausto* de Goethe : o homem posto à prova

Between *Book of Job* and Goethe's *Faust* : The Man Put to the Test

Ana Fernandes

Departamento de Línguas Literaturas e Culturas (Universidade de Aveiro)

afpedroso@gmail.com

ORCID: 0000-0002-0230-4863

Palavras-chave: Job; Fausto; Mefistófeles; Deus; humano e divino.

Keywords: Job; Faust; Mephistopheles; God; human and divine.

Introdução

É inegável a importância de Goethe para a literatura mundial, especialmente a alemã, e suas realizações, mas é raro encontrar uma obra que trate os livros bíblicos com algum potencial literário. De facto, a grande maioria das obras da Divina Escritura foi escrita com um objetivo diferente da mera criação de um corpus literário. Deixando o valor literário dos restantes livros para outros estudos, interessar-nos-á o primeiro e mais antigo dos livros bíblicos, o *Livro de Job*, por estar em diálogo com o *Fausto* de Goethe.

A peça *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) baseia-se na interpretação do mito alemão de *Fausto*, uma personagem fictícia utilizada para explorar as repercussões de um pacto com o diabo, a fim de analisar vários aspetos da natureza e da condição humanas. Após uma longa e profunda meditação sobre o mito, Johann Wolfgang von Goethe publicou pela primeira vez *Fausto*, um Fragmento em 1790, que era uma versão inicial e incompleta da obra. Mais tarde, continuou a desenvolver os temas e o enredo da história e publicou a primeira parte completa, publicada em 1808, intitulada *Fausto: uma Tragédia*.. A segunda parte, com características temáticas e enredo diferentes, mas mantendo a forma e a estrutura geral, foi publicada postumamente em 1832.

1. Fausto e a Bíblia

Tal como desenvolvido no *Journal of Fujian Institute of Education* (Dan-hua, 2003: pp. 33-36), o grande drama poético *Fausto* realiza duas grandes mudanças importantes em relação ao conteúdo da Bíblia. Uma delas é a aposta entre Deus e o Diabo no início do drama, conhecido como “Prelúdio no Céu”. A outra mudança significativa é a salvação de Fausto para o Céu no final da obra. Essas alterações destacam a originalidade e a interpretação única que Goethe trouxe ao explorar temas religiosos e existenciais na sua obra magistral. A influência da Bíblia em *Fausto* manifesta-se tanto na extração do material original quanto no tema do drama poético. A análise dos temas “salvo pela fé” e “esforço incessante para se aperfeiçoar” aproxima-nos de algumas das ideias presentes na Bíblia, no entanto é importante reconhecer as *nuances* e ambiguidades presentes na obra. Os conflitos entre Deus e o Diabo, Fausto e o Diabo, e os respectivos conflitos internos do herói são os três principais conflitos dramáticos que seguem os princípios ateístas dos dois opostos do bem e do mal em que a perspectiva ateísta nega a existência de Deus e do Diabo como entidades sobrenaturais. O bem e o mal são vistos como conceitos humanos, não como entidades absolutas, sendo que os conflitos em Fausto representam a luta entre diferentes ideologias e valores humanos. Nesta abordagem, podemos considerar George Lukács (Lukács, 1964, pp. 1-24) que analisa o Diabo como representante das forças progressistas da história, no entanto estudiosos como Victor Lange, em “The Diabolical Principle in Goethe’s *Faust*” (Lange, 1956, pp. 377-387), interpretam o Diabo como uma figura complexa que representa o lado obscuro da natureza humana.

Por outro lado, a obra pode ser interpretada como uma crítica à hipocrisia e à rigidez da religião institucionalizada. O questionamento de Fausto sobre a ordem divina e a busca por conhecimento podem ser vistos como um desafio à autoridade da Bíblia.

Este trabalho parte do princípio de que a Bíblia é uma importante fonte de inspiração de *Fausto*.

As evocações do legado encarnado na Bíblia começam a ter lugar desde o início da tragédia. Goethe recua quando a cortina mostra a grandeza senhorial de um Deus tão racional no “Prólogo no Céu”, por um lado ao texto do Gênesis, o que é visível tanto na adoração que os três arcanjos principais fazem da perfeição da criação, sempre tão esplêndida como no primeiro dia, como na resposta altiva de Mefistófeles, que se refere à serpente que condenou a humanidade a distinguir entre o bem e o mal; a referência aparece novamente quando esta personagem, vestida de Fausto, assina o álbum de um dos seus alunos com a legenda “e vós sereis como uns deuses, conhecendo o bem e o mal”, palavras que o animal usou para convencer Eva da desobediência (A Bíblia Sagrada, 1963: p. 7).

Depois do seu “Prelúdio no teatro”, o “Prólogo no Céu” trata de um diálogo no qual as condições da aposta entre Deus e Mefistófeles são estabelecidas e acende a centelha iniciática do desenvolvimento subsequente do enredo. A cena do “Prólogo no Céu” no *Fausto* de Goethe estabelece uma aposta entre Deus e Mefistófeles (“Fausto, assim diz o diabo, abandona o Senhor e segue-O, considerando fútil a sua busca.” (Goethe, 2013, p. 40), semelhante ao *Livro de Job*, onde Deus e Satanás negociam os termos de um teste. Ambas as histórias apresentam

um homem, Job ou Fausto, posto à prova da fé e da obediência, enfrentando a tentação e, por fim, apercebendo-se da sua mortalidade e inferioridade em relação à divindade. O resultado da aposta leva a uma demonstração da misericórdia e da ira de Deus, com ambas as histórias a concluírem que a humanidade está sujeita à vontade de Deus, levando a uma compreensão mais profunda da benevolência dessa entidade.

Uma tentação, por um consumada e por outro evitada, que tem consequências iguais para ambos: o jogo de Deus torna os mortais conscientes da sua superioridade. Eles tornam-se finalmente objeto da sua misericórdia, uma característica inata, em detrimento da sua ira.

1.1. A Origem histórica das personagens

Embora as origens da figura mítica de Fausto remontem ao século XVI, existe muito material que sustenta o seu carácter histórico. Relativamente aos motivos da figura lendária de Fausto, João Barrento afirma:

Se lançarmos um olhar às origens, constataremos que o mito de Fausto (nascido de uma personagem histórica, que terá vivido entre 1480 e 1540, e rapidamente ganhou foros de lenda), começou por ser, no século XVI, moldado por uma ideologia especificamente alemã, a do protestantismo luterano, para assumir, fora da Alemanha, uma primeira versão literária já marcada por um espírito moderno, (Goethe, 2013, p. 11).

A história de Fausto, como a conhecemos, é uma mistura de realidade e ficção. É verdade que existiu um Johann Georg Faust, um médico e alquimista alemão que viveu no século XVI. Ele era conhecido por suas práticas ocultas e sua busca por conhecimento e poder ilimitados. No entanto, não há nenhuma prova de que ele tenha feito um pacto com o diabo ou que tenha vivido as aventuras descritas na obra de Goethe (Johann Georg Faust. (2023, agosto 13). Já muito se tinha escrito sobre a lenda de Fausto antes de Goethe, e sabe-se que este autor se interessou muito pelo assunto.

Entre as coleções de poesia bíblica, destaca-se o *Livro de Job*. Ao contrário de outros livros poéticos, não pertence à idade de ouro da história hebraica. O *Livro de Job* foi geralmente escrito num período muito mais antigo do que o tempo de David e Salomão, quando a maioria dos outros chamados livros poéticos da Bíblia foram criados. O *Livro de Job* é considerado por muitos como o mais antigo de toda a Bíblia e a sua autoria é ainda hoje um completo mistério.

Se o livro é antigo, então a pessoa histórica em quem a história se inspirou deve ter vivido em tempos muito mais distantes. De facto, o que podemos dizer com toda a certeza sobre a vida desta pessoa é pura especulação.

1.2. Yahweh versus Deus

Começaremos por salientar a diferenciação entre deuses, apesar de serem uma e a mesma entidade. O termo Yahweh (Deus) refere-se estritamente ao deus hebreu subsequentemente adotado pelo cristianismo; o seu significado

etimológico é “aquele que é, o eterno”. Pelo contrário, o uso do termo Deus é o substituto coexistente de Deus na era cristã, já utilizado para designar o deus supremo em religiões politeístas como o grego ou romano (*Zeus pater* ou *Iúpiter*). Tem, portanto, um carácter mais geral, sem perder a sua supremacia, o que, em certa medida, o separa da concepção hebraica de “um e eterno”.

A concepção da mesma divindade difere em cada obra, uma vez que o *Livro de Job*, escrito em 3500 AC, mostra um deus pré-cristão, enquanto que o deus em *Fausto*, cuja primeira parte foi publicada em 1808 e a segunda em 1832, perdeu o seu carácter eminentemente hebreu há mais de 1800 anos para se adaptar à realidade de inúmeros povos. A Idade Média e a sua concepção do Cristianismo como uma arma europeia unitária contra a ascensão do Islão, através do cisma da Reforma Luterana no Renascimento, bem como o conceito divino do Iluminismo baseada em Deus como entidade racional e criadora última, são apenas algumas fases que fazem evoluir a ideia do deus cristão. Apenas os judeus de hoje mantêm a ideia de Deus contida no *Livro de Job*, não esquecendo que ela pertence ao Antigo Testamento, escrito por Hebreus.

Em *Fausto*, o peso da história torna o homem mais possuído e consciente de si mesmo: desde o renascer dos valores da Antiguidade clássica, ele afirma-se como o centro de todas as coisas. Os seus pecados e defeitos ainda têm de ser levados perante Deus, mas ele é livre de os cometer e, se assim o desejar, de se redimir a si próprio. Isto contrasta com a rigorosa concepção hebraica marcada pela decepção de Deus perante o fracasso do homem através do pecado original, com o seu consequente banimento e castigo. Não é surpreendente que a atitude dos homens do *Livro de Job* seja de amor por Deus, por vezes confusa ou paralela ao medo da sua ira:

Satanás, respondendo, disse: Acaso Job teme debalde a Deus?

Não o circunvalaste tu, a ele e a sua casa, e a todos os seus bens, não tens abençoado as obras das suas mãos, e as suas possessões não têm crescido na terra? (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 513).

No tempo de *Fausto* este medo ainda existe, mas a humanidade, primeiro através da sua concepção antropocêntrica da vida e mais tarde apoiada por um entendimento empírico do mundo, evoluiu como sociedade e está progressivamente a separar-se da onipotência a favor das capacidades puramente humanas que contribuem para o progresso.

A distância histórica entre a obra de Goethe e o *Livro de Job* impacta a caracterização do diabo. Em Goethe, esta entidade assume a forma humana e coexiste na sociedade, enquanto em *Job*, ela é uma entidade abstrata e maligna, transcendendo a criação divina e rivalizando com Deus.

Apesar da distância histórica criada pela diferença nas características dos dois, a ideia de um deus que coloca o homem nas mãos do maligno é mantida:

Disse, pois o Senhor a Satanás: Olha, tudo o que ele tem está em teu poder: somente não estendas a tua mão contra ele. E Satanás saiu da presença do Senhor. (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 513).

Quer seja o fruto de um teste ou de uma aposta, Deus nunca permite que o jogo do maligno saia da estrutura terrestre: “Enquanto na Terra ele viver / Não

te impeço de o tentares convencer. / A porfia no Homem segue caminhos tortos.” (Goethe, 2013: p. 40).

1.3. Mefistóteles contra Satanás

A palavra que Deus dirige a Satanás é uma ordem divina. Não é uma autorização, mas um empoderamento. Esta visão resulta necessariamente do entendimento bíblico de que Deus é todo-poderoso. Assim, a figura de Satanás é complementar de Deus. O primeiro representa a parte negativa da natureza humana, a tentação ou o desejo, mas também desempenha um papel importante na busca da verdade e do conhecimento por Fausto. Mefistóteles apresenta-se, antes, como um servo de Deus, cuja função parece ser a de testar a fé do Homem e ajudá-lo a crescer espiritualmente.

No *Livro de Job*, Satanás é claramente entendido como pertencente à espécie dos “filhos de Deus” e é um ser individual da esfera divina. Por “filhos de Deus” devem ser entendidos seres que pertencem à esfera do divino sem a ideia de uma paternidade de Yahweh. O termo “posição perante Yahweh” refere-se assim aos “filhos de Deus” como mensageiros ao serviço de Deus, grupo de que faz parte Satanás.

O papel que Satanás desempenha está claramente delineado nas várias secções do Antigo Testamento. O *Livro de Job* também permite uma visão sobre a natureza de Satanás. Este surge perante o trono de Deus como uma questão natural: “Girei a terra e andei-a toda.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 514), porque, uma vez que não é um poder maléfico independente ou autónomo da sua origem, ele tem acesso ao trono de Deus. Satanás mostra-se como um espírito da contradição ao questionar o juízo Deus a respeito de Job. Na sua segunda aparição na assembleia celestial: “O homem dará pele por pele e deixará tudo o que possui pela sua vida.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 514), Satanás afirma que Job, como todos os outros, se comprometeu com a ética da troca. Satanás traz a Job má reputação: este abandona o seu papel de mensageiro e torna-se um caluniador.

Ambos, Mefistóteles e Satanás, encarnam a figura do Mal, mas fazem-no de formas diferentes. Satanás é um demónio de origem hebraica, etimologicamente 'antagonista de Deus', como tal, amorfo e ao mesmo nível que Ele. O ser humano era isento do seu mal antes do pecado original. Satanás engana e seduz o homem até conseguir expulsá-lo do Paraíso; uma vez na terra, Satanás já está dentro da natureza do homem, que se deixa seduzir e se afasta da justiça ordenada por Deus, pela qual o homem deve finalmente ser julgado. Mefistóteles, ao contrário de Satanás, está longe da tradição popular ou religiosa do cristianismo original, de carácter ocidental ou mesmo universal, daí a origem indeterminada do seu nome, que pode ser grega, latina ou hebraica, etimologicamente significando “aquele que odeia a luz”, “aquele que ama o fedor” ou “destruidor e mentiroso” respetivamente (Plank, 1992, pp. 241-257). Este demónio é um reflexo fiel da natureza humana universal, por isso é igual ao ser humano, encarnando-se a si próprio e trata Fausto como um igual. Em *Job* encontramos um demónio que, na família de Job, apela alegoricamente a uma humanidade criada por Deus, punida por Ele como fruto do pecado original, e é responsável por realizar os desejos da ira

de Deus. Goethe, por outro lado, tende mais para um demónio inerente ao ser humano, parte da nossa natureza. *Fausto* trata da busca individual pela salvação, enquanto o *Livro de Job* trata da fé face ao sofrimento. Na obra de Goethe, na aposta que Mefistófeles faz com Deus, se ele conseguir desviar Fausto do bem, Ele terá de admitir que a humanidade não vale nada. Já no *Livro de Job*, Satanás testa a fé de Job visto que, com a permissão de Deus, ele inflige sofrimento e tragédias à personagem bíblica para verificar se ele irá renunciar à sua fé.

1.4. Fausto vs. Job

Os dois seres maus já conhecem os protagonistas antes de exercerem o seu poder sobre eles, que são inevitavelmente masculinos, e que se enquadram no quadro cultural do seu tempo e lugar. Fausto é o fruto do progresso imparável da humanidade no final do século XVIII, mas ainda ancorado na tradição cristã. As grandes descobertas, a revolução filosófica e o início da revolução industrial determinam a época de Goethe. O protagonista procura, através da razão e do estudo teórico, a verdade absoluta, a abordagem a Deus. A ignorância e a descoberta científica e intelectual são consideradas em maior medida como uma nova fonte de riqueza na cultura moderna, que na concepção cristã ainda é considerada por muitos como ousada:

FAUSTO: Não a ti?
A quem então?
Eu, imagem da própria divindade,
E nem a ti, igual? (Goethe, *op. cit.*, p. 49)

Após dedicar a sua vida ao estudo e ao conhecimento, Fausto busca algo mais profundo e transcendente. Ele realiza então um ritual mágico para invocar o Espírito da Terra, esperando encontrar respostas sobre o sentido da vida.

E ainda mais na medida em que Fausto o faz, distanciando-se da experiência terrena a que o ser humano foi originalmente condenado. Ele partilha esta audácia com Job, uma vez que ambos acumulam riqueza, embora no seu tempo esta seja valorizada pelos bens materiais que garantem a sobrevivência, procriação e longevidade do homem. A ideia de riqueza como garantia de sobrevivência e autossuficiência pode ser vista como uma visão oposta à crença na origem divina das coisas. A referência à história de Job na Bíblia, conhecida por sua perda de riquezas e provações extremas, destaca a dualidade entre a materialidade e a espiritualidade.

E possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas, e família numerosíssima: e este varão era grande entre todos os orientais. (*Op. cit.*, p. 513).

Desde a concepção hebraica, o homem é uma criação ou, se preferirmos, a cultura ou rebanho de Deus.

A garantia de que a riqueza oferece a Job e ao seu povo a sua sobrevivência e autossuficiência opõe-se à crença na origem divina das coisas, em que a matéria provém do imaterial pela graça divina e constitui uma afronta ao poder divino:

E disse Deus: Faça-se a luz. E foi feita a luz. (*Idem*, p. 5)

Nesta citação do *Livro de Génesis*, a luz é criada a partir do nada pela palavra de Deus. Essa narrativa destaca a crença na origem divina das coisas, onde o poder divino é supremo e a criação é uma expressão desse poder. Relacionando com a primeira frase, a luz criada por Deus surge da escuridão, representando a manifestação da divindade sobre a matéria. A riqueza, por outro lado, é frequentemente associada à materialidade e à autossuficiência, o que pode rivalizar com a atribuição a Deus de toda a criação e providência.

Assim, a ideia é que a riqueza material pode desafiar a crença na supremacia divina se for vista como a única garantia de sobrevivência, contrastando com a visão de que tudo tem origem no divino e depende da sua graça.

Deus elogia a integridade e a retidão de Job que se destaca como alguém incorruptível e justo diante dos olhos de Deus. Assim sendo, a audácia de Job não é simplesmente uma interpretação divina, mas, sim, uma característica intrínseca a ele, como reconhecido por Deus:

Em todas estas coisas não pecou Job pelos seus lábios, nem falou coisa alguma indiscreta contra Deus. (*Idem*, p. 514).

Ousar ou ofender indiretamente Deus, de acordo com os princípios de cada época, é a força motriz da ação demoníaca, a queda de dois homens em busca da sua perfeição, o que reafirma a eterna superioridade do divino sobre o humano:

Eis que isto é uma parte dos seus caminhos; e se apenas temos ouvido uma pequena gota do que dele se pode dizer, quem poderá compreender o trovão da sua grandeza? (*Idem*, p. 530).

O mistério, o oculto é colocado face ao racional. Os homens já ouviram falar de Deus, mas não sentiram o seu poder. No caso de Job, esta dúvida só se instala depois da ação demoníaca. Como entidade suprema, Deus testa a fé de Job que, sem renunciar a Ele, embora desolado e desconsolado, passa a acreditar que Deus faz prosperar os ímpios.

Por que razão, pois, vivem os ímpios? por que são exaltados, e crescem em riquezas? (*Idem*, p. 527).

Ao mesmo tempo, ele nunca deixa de reafirmar a sua fé, agindo sempre de acordo com os ditames do Senhor.

1.4. A Condição/Criação

Condição ou *conditio* refere-se etimologicamente em latim a “fundação”. No nosso caso, estaria mais de acordo com um termo semelhante, “criação”. Nesta secção analisaremos as formas como Deus cria ou condiciona o ser humano, ou seja, sob que condição é fundada a criação e em que medida se aplica a ambos os protagonistas:

El outro vocablo es *conditio*, *conditionis* (preparación, condimentación, aditamento), que es el resultado del verbo *condire* (condimentar, componer). Este verbo *condire* que, a veces se há relacionado con *condere* (esconder, fundar)... (Diccionario etimologico castellano en línea, s.d.)

Propondo um acordo a fim de demonstrar a fraca vontade do homem, Fausto é vítima de uma aposta:

Vai uma aposta? Eu Vos digo, em verdade,
Que o haveis de perder! Basta eu poder
Conduzi-lo bem à minha vontade. (Goethe, 2013, p. 51)

e Job é posto à prova: “Mas estende tu um pouco a tua mão, e toca em tudo o que ele possui, e verás se ele te não amaldiçoa na tua mesma cara.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 514). Em ambos os casos, o mal chega a acordo através do diálogo. A condição de Deus em *Job* é que o Mal não acaba com a vida dessa personagem: “Disse, pois, o Senhor a Satanás: Eis aqui ele está debaixo da tua mão, mas guarda a sua vida.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 514) que, por um lado, acentua a intensidade da tortura, sendo a resistência ao sofrimento uma virtude na concepção judaico-cristã, ao mesmo tempo que reflete o amor de Deus pelo homem, fruto da sua criação. Por outro lado, em *Fausto* é também Deus que limita a ação de Mefistófeles ao plano terreno no prólogo:

Enquanto na Terra ele viver,
Não te impeço de o tentares convencer.
A porfia no Homem segue caminhos tortos. (Goethe, 2013, pp. 51-52)

fora do qual ele não terá poder para desviar Fausto da justiça. Em ambos os casos, estas condições atuam sobre o despojamento narrativo. Esta condição entroniza Deus como princípio e fim de todas as coisas, marcando o alfa e ômega da história e da vida humanas: “E disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá: o Senhor o deu, o Senhor o tirou [...] bendito seja o nome do Senhor.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 513). No final, o Bem triunfa sempre sobre o Mal. As ações de Fausto são perpetradas por Mefistófeles no seu caráter mortal e exclusivamente confinadas ao reino terreno. Perante isto, não há possível oposição por parte do demónio faustiano à ascensão da parte espiritual/imortal de Fausto. Cada pecado cometido mostra a natureza humana no plano terreno, mas como filhos de Deus, uma parte eterna do ser humano prevalece sem ser corrompida pelas tentações do mundo terreno, que, segundo várias tradições religiosas, Deus é, ao mesmo tempo, o criador do mundo material e espiritual.

Se Fausto é tentado a aceder aos prazeres do mundo, Job é despojado de todos esses prazeres: “De repente, se levantou um vento muito rijo, da banda do deserto, e abalou os quatro cantos da casa, a qual, caindo, esmagou a teus filhos, e morreram, e só eu escapei para te trazer a nova.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p 513).

A mensagem de Fausto de misericórdia divina incondicional não existe de antemão em Job, onde é colocado um preço, o de sofrer sem nunca esquecer a fé, levantada por Job com estoicismo: “Então se levantou Job, e rasgou os seus vestidos, e, tosquiada a cabeça, prostrando-se em terra, adorou,” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 513). A natureza misericordiosa de Deus é revelada no final do livro; Job mantém a sua fé, mas por vezes pondera que Deus favorece os ímpios, pois nunca os chicoteou: “Por que razão, pois, vivem os ímpios? por que são exaltados, e crescem em riquezas?” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 527).

Job, por um momento, parece ter sido esquecido por Deus. A sua retidão perante a adversidade sem desvios é um exemplo claramente judaico-cristão que contrasta com Fausto, que é mais universal e o resultado de uma evolução do contexto sociocultural e religioso. Assim, após ter cometido o pecado original, segundo a tradição hebraica, Deus cria o homem como um servo, enquanto a evolução sociocultural leva à crença num Deus que cria o homem como uma entidade livre em Terra, mas sujeita ao transcendente, composta por duas almas, mortal e imortal, respetivamente.

2.1. Os Prólogos

A influência do *Livro de Job* na obra de Goethe é evidente. Goethe era um génio, mas não negava a sua influência da literatura anterior. Este autor sabia que nenhuma obra é criada a partir do nada, e que estava a construir sobre o que já existia. Não escondia que toda a sua bagagem cultural se tornava uma arma a favor da sua obra literária, sobretudo numa obra como o *Fausto*, que estava a ser construída há 60 anos. Sobre a sua influência, disse:

Não pertence tudo o que se fez, desde a Antiguidade até ao mundo contemporâneo, de jure ao poeta? Somente se pode produzir algo grande apropriando-se de tesouros alheios. Eu não me apropriei de Job para Mefistófeles e da canção de Shakespeare? (Campos, 1981, p. 76)

Do prólogo do *Livro de Job* emerge uma explicação muito precisa e clara dos sofrimentos do herói: Deus queria convencer o adversário e convencer-se de que a piedade de Job era desinteressada: o sofrimento dos justos pode, portanto, ser uma provação, um exame. Ora, não há nenhuma palavra desta solução no corpo do poema, especialmente no grande discurso final de Yavé, que, no entanto, deveria conter o último pensamento do poeta. Impressionados com essas diferenças, muitos críticos no passado consideraram o prólogo e o epílogo como adições posteriores ao poema. Por exemplo Gerhard von Rad, no seu livro *Das Buch Hiob* (von Rad, 1982) argumenta que o prólogo e o epílogo são parte integrante do poema original, mas que representam uma tradição teológica diferente do corpo principal do texto. Assim formulada, a hipótese só seria sustentável se pudessemos ver neste poema os minutos de uma disputa oratória realmente apoiada por Job

contra três dos seus amigos (Lee, 2015). Se, como é evidente, o poema se refere a pessoas pertencentes a um passado longínquo, deve ter sido precedido desde o início, a menos que fosse quase ininteligível, de uma introdução explicando quem era Job e qual era a sua situação excepcional.

Mas alguns críticos da primeira metade do século XX adotaram a ideia de formas mais aceitáveis. Segundo alguns, — König (König, 1929) e Sellin (Sellin, 1931) — o poema tinha um breve preâmbulo dizendo simplesmente que Deus pôs Job à prova através do sofrimento; mas, mais tarde, quando alguém se recusava a admitir que Deus poderia ser o autor do mal, ter-se-ia bordado nestas poucas linhas a narrativa que forma o prólogo presente e o epílogo, a fim de substituir o adversário por Yavé como autor do sofrimento dos justos.

Imediatamente a seguir ao “Prelúdio no Teatro” começa o nosso “Prólogo no Céu”. Este e o *Livro de Job* são dois textos que exploram questões metafísicas e teológicas profundas. Existem elementos comuns entre estas duas obras e que deverão ser abordadas como a relação entre Deus e o homem, o conflito entre o bem e o mal, e a natureza da humanidade.

Em ambos os textos constatamos um diálogo entre Deus e uma figura maligna (Mefistófeles ou Satanás). Em ambos os textos, essa figura questiona a natureza da humanidade e desafia a bondade e justiça divina. No *Livro de Job*, Satanás aposta com Deus em como Job, homem justo, o irá renegar em face da adversidade. No “Prólogo no Céu”, Mefistófeles faz uma aposta com Deus sobre a lealdade e a capacidade do homem de ceder à tentação. Fausto assemelha-se a Job na busca pela compreensão da vida e da existência; ambos os textos exploram os limites do conhecimento humano e as consequências da busca desenfreada por sabedoria e poder. O mal e o sofrimento desempenham papéis significativos na narrativa, representando desafios à fé e à moralidade. Tanto Fausto quanto Job passam por jornadas espirituais em busca de redenção e entendimento. A superação das adversidades, a renovação da fé e a busca pela transcendência são temas presentes em ambos os textos.

Goethe toma o prólogo de Job como mote e revela na sua obra os elementos que completam a obra antiga. Enquanto em *Job* não consegue escapar à estrutura superficial da narrativa, com Satanás no seu centro, no prólogo de *Fausto* penetra na mente de Mefistófeles e começa a explorar minuciosamente o antes inimaginável, acabando por formar uma imagem tão forte que já não consegue separar um texto do outro. Isto conduziu à formação de uma nova imagem. Depois de se ler o “Prólogo no Céu”, o texto bíblico é influenciado. Ao ler o *Livro de Job*, Satanás aí representado também se torna Mefistófeles. A explicação que Goethe apresenta sobre isso é inserida entre passagens do *Livro de Job*. No *Livro de Job*, “E sucedeu que, em certo dia, viessem os filhos de Deus: e, apresentando-se diante do Senhor, veio também Satanás entre eles,...” (Bíblia, *op. cit.*, p. 514). Podemos imaginar claramente as primeiras cinco estrofes do prólogo de Goethe, a introdução dos arcanjos Rafael, Gabriel e Miguel e a entrada de Mefistófeles. As Escrituras Divinas referem-se a representações angélicas, que Goethe preserva e exprime cuidadosamente.

Mefistófeles, tal como o Satanás de *Job*, aparece como uma figura que contribui para o desequilíbrio e o seu discurso perturba a coerência do culto angé-

lico. O “Prólogo no Céu” começa com o aparecimento dos três arcanjos Rafael, Gabriel e Miguel, que louvam o Senhor e a Sua criação. Mefistófeles, que também aparece, contradiz os anjos e enfatiza que só vê como as pessoas se atormentam: “E a luz brilhará em teus caminhos.” (*Idem*, p. 528).

Enquanto os anjos falavam da terra e dos seus aspetos naturais, ele interessa-se pelos seres humanos e o seu discurso provoca ressentimentos e interrogações sobre a condição humana. O primeiro verso do discurso de Mefistófeles “Já que outra vez, Senhor, a nós desceste” (Goethe, 2013, p. 39), sugere que Deus desceu novamente para se encontrar com Mefistófeles. A expressão “outra vez” indica que houve um encontro anterior entre eles, que pode ser uma referência à história de Job no Antigo Testamento.

Na história de Job, ele foi tentado e testado por Satanás, resultando em provações severas na sua vida. O encontro passado mencionado por Mefistófeles pode ser uma alusão a essa narrativa bíblica, sugerindo que Deus está mais uma vez a envolver-se com Mefistófeles de alguma forma, possivelmente criando um paralelo entre Fausto e Job, ambos sujeitos a provas e tentações.

Essa referência adiciona camadas de significado à narrativa de “Fausto”, sugerindo um conflito contínuo entre o divino e o demoníaco, com Fausto muitas vezes agindo como um protagonista que enfrenta desafios éticos e morais semelhantes aos de Job. A citação destaca a complexidade da relação entre Deus, Mefistófeles e Fausto ao longo da obra de Goethe.

O paralelo entre as duas obras torna-se assim ainda mais evidente. Nas duas obras, Deus prepara a pergunta: em *Job*, “De onde vieste?”; em *Fausto*: “Só tens notícias dessas para me dizer?”; “Não há na Terra nada do teu agrado?” (Goethe, 2013, p. 39) Em ambas as obras, a resposta do demónio diz respeito ao aspeto terreno, com o demónio de Job a responder que se limitou a vaguear pela terra, enquanto Mefistófeles volta a abordar a condição humana, degradando novamente o homem. Ora, em ambas as obras, Deus reage de forma muito semelhante, citando as personagens principais e inserindo-as na trama que se começa a desenrolar. Vejamos como Deus interpela o demónio no *Livro de Job*, que passou a ser apreciado em alemão na tradução luterana da Bíblia. “Você tem observado meu servo Job?”; e em *Fausto* “Conheces Fausto?”, e em Mefistófeles “O Doutor?”, e ainda Deus diz: “Meu criado!” (Goethe, 2013: p. 39). As palavras de Deus no *Livro de Job* são quase idênticas às do livro de *Fausto*, mas neste último, há o desdobramento em duas falas.

De acordo com a tradição protestante, nomeadamente em Goethe, o diabo é um “tentador” existencial, e ele existe apenas como uma influência interior, isto é, como uma *personagem* dotada de um *em si mesmo*. A partir deste ponto, o texto de Goethe afasta-se do *Livro de Job* na forma como o Diabo introduz a ideia de aposta e como o diálogo é construído. Em ambas as obras uma pessoa é posta à prova. No entanto, estes testes distinguem-se claramente um do outro. Em *Job*, a aposta gira em torno de se agarrar a Deus mesmo na adversidade e no sofrimento. Job tem de provar que não só louva a Deus na prosperidade e na felicidade, mas também se mantém temente a Deus nos maus momentos. Em *Fausto*, o objetivo

principal é provar que “uma pessoa boa está bem ciente do caminho certo no seu desejo obscuro.” (Homann, 2024)¹.

Em *Job*, Satanás vai-se embora e começam a ocorrer desgraças na vida das personagens. Em *Fausto*, Satanás de Goethe aparece, mas não usa as mesmas táticas que em *Job*. Job foi tentado pela escassez, Fausto é tentado pela abundância.

O que é particularmente notável é que, em vez de esconder ou plagiar citações, ele confronta relações influentes que interagem de uma forma rica. A atitude do autor alemão demonstra, justamente, o seu respeito pelo cânone sagrado, como ele próprio deixou claro:

A cultura espiritual pode continuar a progredir, as ciências naturais podem crescer cada vez mais em extensão e profundidade, e o espírito humano pode se ampliar o quanto quiser: jamais ele ultrapassará a elevação e a cultura moral do cristianismo como ela cintila e brilha nos Evangelhos! (Eckermann, 2016: 717)

Goethe toma o início do *Livro de Job* como modelo para o “Prólogo no Céu”. Contudo, as obras diferem na medida em que o Mal aparece distintamente: em *Job*, ele aparece apenas duas vezes, enquanto em *Fausto* a sua presença é permanente. Também diferem na forma como o protagonista é conduzido ao pecado: em *Job*, seguindo a tradição hebraica, como no livro do *Gênesis*, é a sua mulher que o incita ao pecado; neste caso, ela incita-o a abandonar a sua fé para uma morte tranquila: “E a sua mulher lhe disse: Ainda tu perseveras na tua simplicidade? Louva a Deus e morre.” (*Op. cit.* p. 514).

Mefistófeles, demónio da literatura medieval, assiste o doutor Fausto, assim que ele entrega a sua alma ao Príncipe do Inferno (Chevalier & Alain, 1982, p. 622). Mais comumente associado à tradição cristã, ele é frequentemente agregado às interpretações do diabo e dos demónios presentes nessa tradição. Ele tornou-se popular na Alemanha paralelamente ao mito de Fausto, a quem ele incita após a sua aposta ter sido aceite por Deus; em nenhum momento é forçado, mas após conversa e reflexão, Fausto dirige-se ao Espírito da Terra e revela a angústia e a busca insaciável por conhecimento e pelo sentido da vida que o atormentam. A seguinte fala de Fausto reflete o seu carácter ambicioso e inquieto, bem como a sua busca implacável por conhecimento, poder e redenção. Este é um momento crucial na narrativa que evidencia a complexidade da personagem e o conflito entre as suas aspirações humanas e as suas limitações diante do infinito.

Tu, que a vastidão do mundo envolve,
Génio da acção, que perto estou de ti! (Goethe, 2013, p. 49)

Job, inconsciente da conspiração no Céu, amaldiçoa o dia do seu nascimento, uma vez tocado pela mão de Satanás: “Pereça o dia em que eu fui nado...” (*Op. Cit.*, p. 514).

¹ “ein guter Mensch sich in seinem dunklen Drange des rechten Weges wohl bewusst” ist. (Texto original).

Deus permitiu que Job fosse testado, mas conhecendo já a sua fidelidade e integridade. A intenção por trás dos eventos sofridos é, pois, permitir que Job demonstre a sua fé apesar das provações. Job aceita de bom grado o que lhe é imposto por Deus, apesar de enfrentar muitos sofrimentos e dificuldades. São várias passagens do livro que comprovam isso, mas mencionamos uma apenas: “se nós temos recebido os bens da mão de Deus, por que não receberemos, também, os males?” (*Ibidem*).

Na seguinte fala de *Fausto* de Goethe, a personagem assegura o céu ao mergulhar na noite mais profunda e encontrar a luz somente na alma. Ele destaca a importância de dar forma aos pensamentos, transformando-os em ação através da voz do mestre. Ao incentivar os escravos a trabalharem para concretizar o que foi imaginado, ele reforça a necessidade de ação e esforço contínuo para alcançar os objetivos. A clara ordem, o esforço constante e a execução do planejado são vistos como merecedores da mais bela recompensa, simbolizando possivelmente a conquista espiritual ou a redenção na busca pela verdade e pela realização.

Na noite mais profunda mergulhei,
Só na alma brilha a clara luz;
Apresso-me a dar corpo ao que pensei,
Só a voz do amo efeito produz.
Erguei-vos todos, escravos, trabalhai!
Fazei que se veja o que imaginei.
Tomai a ferramenta, enxada, pá!
O planeado tem de ser feito, e já.
A clara ordem, o esforço sem detença,
Merecem a mais bela recompensa; (Goethe, 2013, p. 433),

pois Deus circunscreveu o domínio de Mefistófeles ao terreno. São notórias diferentes visões sobre a relação entre o sofrimento e o pecado nas tradições católica e protestante. Apesar de todas as desgraças sofridas, Deus finalmente restaura a posição de Job, mostrando que a sua mágoa nem sempre é uma punição pelo pecado.

Fausto, apesar de toda a busca por conhecimento, não encontra satisfação verdadeira. Na tradição católica, o pecado é “pago” através da expiação e da penitência enquanto na tradição protestante, a salvação é alcançada pela fé em Cristo, sem necessidade de boas obras ou castigo.

2.2. Análise comparativa do desenlace

A parte imortal de Fausto é retirada das garras de Mefistófeles e o seu poder no jogo está inicialmente confinado ao terreno. Fausto só terá de se arrepender dos seus pecados para ascender ao céu, deixando para trás os seus atos pecaminosos infundidos pelo Mal, mas inicialmente começou voluntariamente. Job continua no mundo terreno após o seu julgamento e confessa perante Deus que está arrependido de tentar investigar os mistérios da criação: “Quem é este que, falto de ciência, encobre o conselho? Por isso, eu tenho falado nesciamente, e o que, sem comparação, excedia a minha ciência.” (A Bíblia Sagrada, 1963, p. 542).

Uma vez passado o teste, a bênção é terrena. Job já uma vez criou o seu reino na terra, com grande família e fortuna material. A sua nova descendência e ele estão novamente cheios de riquezas que duplicam os seus bens antigos e estão protegidos de Satanás: “O Senhor, também, se deixou dobrar à vista da penitência de Job, quando orava pelos seus amigos. E o Senhor lhe tornou em dobro tudo o que ele antes possuía.” (*Ibidem*).

Fausto nada mais tem para viver na terra, pois já experimentou as duas faces da natureza humana e, marcado o seu caminho para o céu, ele dissocia-se de um mundo que reafirma a sua origem divina. Job, um servo fiel, sem nunca abandonar a sua crença, recebe uma plenitude terrena de que Fausto abusou.

3.1. Mensagem do Livro de Job

A vida no *Livro de Job* é concebida à maneira da tradição hebraica: é um presente de Deus e a desgraça terrena do homem é-lhe dada pela sua própria natureza. Isto é comprovado no *livro do Génesis* quando o homem é seduzido e comete o pecado original. No *Génesis*, bem como no *livro de Job*, a mulher assume o papel de incitar o homem a pecar. É por isso que ela está mais próxima de Satanás; a mulher é considerada responsável em ambos os casos por zelar pelo infortúnio do homem.

Quando Job e a sua família caem em desgraça, os seus amigos vêm ter com ele, não concebendo outra explicação para o seu mal senão o desígnio divino, refletindo sobre a inferioridade do homem e dos muitos homens oprimidos que nada mais desejam do que o seu próprio fim.

Chegam assim à conclusão de que não devem rebaixá-lo, contemplando a resistência estoica de Job, contribuindo para a redução do seu rebanho, por mais dura que seja a própria vida:

Ele é sábio de coração, e forte em poder: quem lhe resistiu, e ficou em paz? Ele transferiu os montes, e aqueles mesmos que subverteu no seu furor não o conheceram. Ele move a terra do seu lugar, e as suas colunas são abaladas. Ele manda ao sol, e o sol não nasce: ele tem as estrelas encerradas, como debaixo de um selo. (*Idem*, p. 518)

e que existe uma diferença entre o que se tem e o que se é: o primeiro está confinado a uma esfera exclusivamente terrestre e varia com cada indivíduo; o segundo é o mesmo para todos.

Job responde ao discurso de Elifaz, um dos seus amigos. Ele questiona a justiça de Deus e declara a sua própria inocência. Argumentando, Job destaca o poder e a sabedoria de Deus, questionando quem poderia opor-se a Ele e ter paz. Job vê o castigo como um presente. Acredita em Deus e, como ser pecador e despojado, torna-se consciente do seu poder: “Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige; e não desprezes, pois, a correção do Senhor.” (*Ibidem*, p. 516). Não esquecendo que o homem foi a causa do pecado original e a sua consequente expulsão para o mundo terreno: “O homem nasce para o trabalho, e a ave para voar.” (*Ibidem*, p. 516) e para servir a Deus, a sua riqueza material e o seu lucro não serão tidos em conta no julgamento.

Job que, nos primeiros capítulos, questiona os problemas da vida e da criação, passa depois do seu castigo reflexivo à ignorância do mistério e à obediência à vontade de Deus, o que no seu caso se torna muito positivo. Tendo-se comportado com retidão em ambas as facetas da vida: saúde e doença, abundância e pobreza, é-lhe garantida a longevidade, muito embora na frase proferida por Elifaz, “Entrarás com abundância na sepultura, como se recolhe o montão de trigo a seu tempo?” (*Ibidem*, p. 516), este faça essa declaração no contexto de um discurso mais amplo sobre a morte e o destino dos justos e dos ímpios. Ele argumenta que os justos, como Job, serão recompensados com uma morte serena e pacífica, semelhante à colheita abundante de trigo.

3.2. A mensagem em *Fausto*

O Doutor Fausto tem duas facetas no plano terrestre, a primeira de carácter eminentemente intelectual e a segunda recreativa e prazerosa. Na primeira instância encontramos um Fausto caracterizado pela sua sede de conhecimento – comparável à de um homem que tenta regressar a um estado anterior ao pecado original; Fausto medita sobre o seu próprio poder e potencial ao abrir o livro de Nostradamus que lhe dá acesso a uma revelação poderosa e transformadora.

Serei um Deus? É tanta a luz em mim!
Nestes traços puros estou a ver
A Natureza activa abrindo-se ao meu ser,” (Goethe, 2013, p. 58)

Nesta passagem, Fausto depara-se com uma visão do universo no seu todo, uma compreensão da harmonia e conexões entre todas as coisas. Essa visão holística da natureza e do cosmos deixa Fausto deslumbrado, pois proporciona-lhe uma compreensão profunda da essência da criação.

Essa revelação marca um ponto de viragem na jornada de Fausto, pois dá-lhe uma perspetiva mais ampla e transcendental sobre a sua existência. Após essa experiência, Fausto sente uma ânsia renovada por conhecimento e poder, o que o levará a fazer o famoso pacto com Mefistófeles.

Isto acabaria por o enlouquecer se não fosse o súbito aparecimento do espírito (Mefistófeles escondido), que o leva diretamente para uma segunda instância, a um extremo oposto do frenesim dionisiaco e progressivamente tenta transformá-lo em pasto de chamas infernais, dando-lhe acesso a todos os prazeres mundanos.

Em ambos os casos, a autodestruição de um homem que, em última análise e apesar da sua ávida sede de conhecimento, é boa na sua natureza, está assegurada. Só a incitação demoníaca o levou ao Mal. O protagonista nunca esteve habituado a viver em sociedade e, conseqüentemente, desconhece os seus códigos de conduta ou as possibilidades de alcançar os seus objetivos no meio dessa sociedade. O apoio de Mefistófeles à abertura de Fausto ao mundo torna-se assim indispensável.

Este condicionamento leva-o, apesar dos seus enormes conhecimentos teóricos, a agir como um tolo, tomando Mefistófeles como companheiro na sua aventura terrena. Apesar da sua loucura, a sua maldade não pode ser senão uma sua consequência. Desta maneira, ao arrepender-se, é concedido o céu à sua

parte imortal, relegando para o seu corpo material esta *loucura* humana de procurar para além do seu dever, o que acaba por causar a sua própria destruição.

A dualidade da alma humana é um tema central em *Fausto* de Goethe. Através desta personagem e da sua associação com Mefistófeles, o autor explora a dicotomia entre a natureza terrena e a busca pelo prazer e pecado. Fausto abandona a sua vida anterior assim que começa a desfrutar da sua vida posterior, revelando uma faceta da sua alma orientada para o prazer terreno e o pecado, após o aparecimento de Mefistófeles. Essa dualidade da alma humana é fundamental para a compreensão da obra e das escolhas do protagonista.

O outro aspeto da sua alma manifesta-se na figura do estudioso Fausto na sua busca pelo absoluto. Ambos são parcialmente perecíveis e parcialmente constitutivos da alma imortal que acaba por ascender aos céus. O próprio Mefistófeles alude a Job no modo como Fausto foi redimido:

Que é isto? Como um Job, todo em chagas,
O sujeito que se olha com horror,
Mas triunfa se bem se souber ver,
Se em si e em sua estirpe confiar?
As partes nobres do demo estão salvas,
É à flor da pele o feitiço de amor;
Já as malfadadas chamadas não distingo,
E, como era de esperar, todas maldigo! (Goethe, 2013, p. 442)

Conclusão

A utilização por Goethe do *Livro de Job* como uma das bases para a criação do princípio e do fim do seu *Fausto* é clara, apesar das diferenças nas duas composições, sejam elas estruturais, narratológicas ou argumentativas. Produzem-se coincidências que estabelecem pontos em comum, tais como a existência de um diálogo entre Deus e o diabo; o uso do poder do Mal sobre um mortal limitado ao plano terreno; e a redenção divina. Estes três pontos em comum não impedem as oposições temáticas existentes, como consequência de um quadro sociocultural e temporal específico, bem como a finalidade da escrita (descida do Mal, prova ou aposta, permanência e recompensa terrenas, contacto direto do homem com Deus...).

Para além dos pontos em comum e das oposições, o que a utilização da figura de Job na construção do carácter de Fausto mostra realmente é a sua inversão. Job parte de uma situação próspera e está sujeito ao infortúnio. Para Fausto, a sua prisão em conhecimentos teóricos produz infelicidade e ele é introduzido nos prazeres mundanos. A obra *Fausto* reflete a ideia de que o ser humano, por livre arbítrio, pode escolher seguir um caminho de perdição sem a interferência direta de Deus. Por outro lado, a narrativa de Job destaca a soberania e o poder de Deus sobre a vida humana, bem como a capacidade de Deus permitir o sofrimento como parte de um plano maior e misterioso. Apesar de se tratar praticamente do mesmo Deus e de empregar a figura do demónio, a forma como este atua opõe-se ao carácter de uma mesma entidade genérica. O próprio diabo, em

cada caso, revela o condicionamento ao qual Deus adere ao agir em diferentes estruturas socioculturais.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Sagrada. (2 de março de 1963). Lisboa: Depósito das Escrituras Sagradas. Obtido de <https://biblia.pt/>.
- Bernhardt, R. (2009). *Faust. Ein Mythos und seine Bearbeitung*. Bange Verlag.
- Campos, H. D. (1981). *Deus e o Diabo no «Fausto» de Goethe*. São Paulo: Perspectiva S.A.
- Chevalier, J., & Alain, G. (1982). *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont.
- Dan-hua, L. (2003). "Faust and Bible". *Journal of Fujian Institute of Education*(10), pp. 33-36.
- Diccionario etimologico castellano en línea. (s.d.). Obtido em 24 de novembro de 2022, de <https://etimologias.dechile.net/>; <https://etimologias.dechile.net/?condicio.n>
- Eckermann, J. P. (2016). *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832*. (M. L. Frungillo, Trad.) São Paulo: UNESP.
- Farinaccio, P. (2020). Freud e o Fausto de Goethe: limites e sombras da ciência. In N. Araújo (Org.), *Re-Figurações de Fausto. Entre Literatura e Mito* (pp. 234-245). Rio de Janeiro: Ed. Makunaima.
- Goethe. (2013). *Fausto*. (J. Barrento, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água.
- Homann, U. (7 de abril de 2024). "Die Hiobsfrage ist immer noch virulent". Obtido de <http://www.ursulahomann.de/DieHiobsfrageIstImmerNochVirulent/kap0004.htm>
- Johann Georg Faust. (2023, agosto 13). (13 de agosto de 2023). Obtido de Wikipédia, a enciclopédia livre: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Johann_Georg_Faust&oldid=6641314
- König, E. (1929). *Das Buch Hiob*. München: C. Bertelsmann.
- Lange, V. (May de 1956). The Diabolical Principle in Goethe's 'Faust'. *Modern Language Notes*, 71(5), 377-387.
- Lee, S. (2015). *The Book of the Patriarch Job*. Book on Demand Ltd.
- Lukács, G. (1964). *The Goethean Devil and Other Essays*. London: Merlin Press.
- Plank, F. (1992). The Name of the Devil. *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen*, 229 (2), 241-257.
- Schmidt, J. (1999). *Goethes "Faust" Erster und Zweiter Teil. Grundlagen – Werk – Wirkung*. München: Beck.
- Sellin, E. (1931). *Das Hiobproblem: Rede gehalten bei der Reichsgründungsfeier der Friedrich-Wilhelms-Universität Berlin am 18. Januar 1931*. (U. Berlin, Ed.) Berlin: Preussische Druckerei – und Verlagsaktiengesellschaft.
- von Rad, G. (1982). *Das Buch Hiob: übersetzt und erklärt*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Resumo

O nosso texto analisa a relação entre o *Livro de Job* e a obra *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe. Ambas as obras exploram temas como a fé, a redenção e a fragilidade humana, através da relação entre a humanidade e o divino.

No *Livro de Job*, o protagonista é testado pela sua fé e lealdade a Deus, apesar das adversidades. Já em *Fausto*, o protagonista é tentado pelo diabo a ceder aos prazeres terrenos e sucumbir ao pecado. Apesar das diferenças, as obras têm em comum a existência de um diálogo entre Deus e o diabo, e a ideia de um acordo entre o Bem e o Mal para testar ou tentar as personagens.

Na obra *Fausto*, a busca do Absoluto é um tema central, refletindo a aspiração humana a algo maior, transcendente e eterno. A dualidade da alma humana, representada na relação entre Fausto e Mefistófeles, revela a complexidade e as contradições presentes nessa busca.

Enquanto Job parte de uma situação próspera e enfrenta o infortúnio, Fausto está inicialmente preso em conhecimentos teóricos e é levado aos prazeres mundanos. Embora as provações sejam diferentes, ambas as histórias exploram a natureza da fé e a relação entre Deus e o homem.

Apesar das diferenças, as obras compartilham a ideia de que Deus julga, mas os seus motivos e ações são distintos. Enquanto em *Fausto* Deus permite que as provações guiem a busca pela redenção, no *Livro de Job* Ele testa a fé da personagem e fortalece a sua relação com ela através do sofrimento.

Abstract

The text analyses the relationship between the Book of Job and Johann Wolfgang von Goethe's *Faust*. Both works explore themes such as faith, redemption and human frailty, through the relationship between humanity and the divine.

In *the Book of Job*, the protagonist is tested by his faith and loyalty to God, despite adversity. In *Faust*, the protagonist is tempted by the devil to give in to earthly pleasures and succumb to sin. Despite the differences, the works have in common the existence of a dialogue between God and the Devil, and the idea of an agreement between Good and Evil to test or tempt the characters. In *Faust*, the search for the Absolute is a central theme, reflecting the human aspiration for something greater, transcendent and eternal. The duality of the human soul, represented in the relationship between Faust and Mephistopheles, reveals the complexity and contradictions present in this quest.

While Job starts from a prosperous situation and faces misfortune, Faust is initially trapped in theoretical knowledge and is led to worldly pleasures. Although the trials are different, both stories explore the nature of faith and the relationship between God and man.

Despite the differences, the works share the idea that God judges, but his motives and actions are different. While in *Faust* God allows the trials to guide the search for redemption, in the *Book of Job* He tests the character's faith and strengthens his relationship with her through suffering.